

Jornalista lembra denúncias

«Muitas perguntas no Ar». Foi o que disse ter deixado o jornalista Fernando Lemos, após ter concluído a primeira fase do depoimento que prestou à Comissão do GDF que apura as responsabilidades pelos tumultos do dia 27. Autor das matérias «A quem interessa a radicalização» e «Aqui a face da baderna», publicadas no **Correio Brasileiro**, ele afirmou também que falou à comissão sobre as diversas denúncias anônimas que o jornal recebeu e não descartou a possibilidade das pessoas que teriam comandado os episódios posteriores à passeata contra o pacote serem os responsáveis por elas.

«Desde o caso Mário Eugênio aprendemos a respeitar as denúncias anônimas», ressaltou Fernando Lemos, adiantando que algumas delas referiam-se à participação, no quebra-quebra, de membros da P-2 e de policiais da região do Bico do Papagaio. O jornalista destacou, porém, que não foi possível identificar qualquer pessoa que estivesse liderando os saques, incêndios e depredações. Mas acredita que a comissão pode chegar a isso.

Fernando Lemos acrescentou que a principal indagação em torno dos acontecimentos do dia 27 relaciona-se com a demora da polícia na repressão ao quebra-quebra, que ele acompanhou de perto. Segundo o jornalista, ao todo, foi uma hora e meia de incidentes, sem a repressão de policiais. «Porque, a partir do primeiro incêndio, a polícia não agiu?», perguntou, frisando outro detalhe: quem comandava eram jovens de jeans, tênis e camisas usadas como máscaras.

Fotógrafos

Dois fotógrafos que foram vítimas de agressão policial e tiveram seus equipamentos destruídos relataram o que sofreram à comissão. Eugênio Novaes, do **Correio Brasileiro**, chamou atenção para o fato de que, enquanto trabalhava, muitos dos que participavam dos tumultos pediam para não terem os rostos fotografados.

Eugênio Novaes relatou ainda o espancamento, de cassetetes, que sofreu, quando estava fotografando um manifestante apanhando da polícia. Foi aí que teve seu equipamento destruído: máquina, flash, lentes e outros acessórios. «Foi uma agressão absurda, covarde», denunciou, negando qualquer chance de reconhecer quem bateu nele.

O segundo fotógrafo a depor, Roosevelt Pinheiro, do **Jornal de Brasília**, também se diz incapaz de reconhecer os policiais agressores. Ele, que acompanhou a passeata desde antes do início, levou muita pancada de cassetetes e teve o equipamento completamente quebrado, logo depois de ter fotografado o espancamento de Eugênio Novaes.

Roosevelt Pinheiro informou não ter guardado características dos possíveis incitadores dos tumultos. Mas ressaltou que lembra que um dos policiais agressores «não parecia ser soldado», porque a farda, além de escura, tinha patentes. Foi esse mesmo policial que deu um chute no fotógrafo, quando ele já se encontrava caído, devido aos golpes de cassetete.